

**FEMINICÍDIO: OS SENTIDOS NOS CONSTRUCTOS
DO DISCURSO DA IDEOLOGIA PATRIARCAL
EM JOAO DE BARRO E CABOCLA TERESA**

Alguimar Amancio da Silva (UEMS)

alguimara@gmail.com

Marlon Leal Rodrigues (UEMS)

RESUMO

A Análise do Discurso, de linha francesa, é uma ciência que se propõe a estudar o discurso, a partir da interação do sujeito, língua e condições de produção. Esses elementos são fundamentais para o exercício da leitura e da compreensão discursiva. Por meio da práxis da Análise do Discurso busca-se demonstrar academicamente a construção de sentidos e posição ideológica do enunciador sinalizada pela materialidade linguística de nosso objeto de estudo. Esse trabalho visa uma reflexão acerca da gênese dos sentidos de discursos da ideologia patriarcal que desencadeia a violência de gênero, a prática hedionda do feminicídio na sociedade. O estudo, aqui ora desenvolvido, sob a ótica dessa abordagem científica, discute a temática da ideologia patriarcal, tendo como foco a análise da construção dos sentidos do sujeito face à mesma e, traz como objeto desse estudo enunciados discursivos coligidos das músicas João de Barro e Cabocla Teresa, clássicos da historiografia musical sertanejo brasileiro. Os enunciados selecionados possibilitam que se analise os sentidos dos discursos da posição sujeito homem, mantenedores de uma ideologia que apregoa o papel de submissão total e irrestrita obediência que as mulheres deve ser obrigadas a assumir em relações conjugais na sociedade.

Palavras-chave:

Discurso. Feminicídio. Linguística.

ABSTRACT

Discourse Analysis, from the French line, is a science that proposes to study discourse, based on the interaction of the subject, language and conditions of production. These elements are fundamental for the exercise of reading and discursive understanding. Through the práxis of Discourse Analysis, we seek to demonstrate academically the construction of meanings and ideological position of the enunciator, signaled by the linguistic materiality of our object of study. This work aims at reflecting on the genesis of the meanings of discourses of the patriarchal ideology that triggers gender violence, the heinous practice of femicide in society. The study, now developed, under the perspective of this scientific approach, discusses the theme of patriarchal ideology, focusing on the analysis of the construction of the subject's senses in face of it and, brings as object of this study discursive statements collected from the songs João de Barro and Cabocla Teresa, classics of Brazilian backcountry musical historiography. The selected statements make it possible to analyze the meanings of the discourses of the subject-man position, maintaining an ideology that promotes the role of total submission and unrestricted obedience that women should be forced to assume in conjugal relations in society.

Keywords:
Feminicide. Speech. Linguistics.

1. Introdução

Nosso estudo sob a perspectiva da Análise do Discurso, de Michel Peucheux, refere-se aos sentidos nos constructos dos sentidos do discurso patriarcal tendo como objeto de análise, recortes selecionados, extraídos das músicas sertanejas, Cabocla Teresa e João de Barro. A partir desses, buscamos analisar os sentidos presentes no discurso, delineando a ideologia patriarcal, que culmina no comportamento hetero-machista e a consequente prática da violência de gênero, o crime contra a vida da mulher, denominado feminicídio.

Este trabalho contribui para a reflexão e exemplificação de como a linguagem é utilizada em discursos musicais; e como a mesma, enquanto cultura e entretenimento, pode também servir como propósito para “legitimar”, “justificar” e “divulgar lições” de honra masculina, da “necessária e imprescindível” submissão da mulher ao homem e “avisos” sobre a lascívia, a falta de caráter, a falsidade e hediondez femininas, discursos esses compõe e sustenta a ideologia patriarcal.

O pressuposto teórico da AD, no presente trabalho, tem como objetivo explicitar esses sentidos presentes nos constructos do discurso da ideologia patriarcal. A premissa de nosso estudo é a de que a ideologia do patriarcado (A total devoção e submissão da mulher ao homem) assume uma materialidade discursiva e histórica quando analisamos os recortes selecionados; e que se por definição, o discurso é o efeito de sentido entre dois sujeitos, a nossa ação intelectual se volta a demonstrar, tendo como base a AD, os constructos de sentidos que possibilita e teima em perpetuar a ideologia patriarcal.

2. Fundamentação teórica

2.1. O discurso em AD

A AD surgiu na França em 1969, com a publicação da obra Análise automática do discurso, de Michel Pecheux, onde, pela primeira vez o discurso é posto como objeto de análise. Ela se constituiu no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares, que são

ao mesmo tempo uma ruptura com o século XIX: a Linguística, o Marxismo e Psicanálise (ORLANDI, 2015, p. 48).

Observe-se, entretanto, que – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela teoria marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Marxismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente se ser absorvida por ele (ORLANDI, 2015, p. 18).

A autora nomina a confluência destas disciplinas de entremeio, pois ocorre na contradição. Ao invés de utilizar a interdisciplina, que dá a ideia de instrumentalização de uma disciplina pela outra (ORLANDI, 2017, p. 24).

Segundo a mesma (ORLANDI, 2015, p. 18), trabalhando as confluências desses campos do conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto, este novo objeto é o discurso.

Discorrendo ainda sobre a confluências dessas disciplinas, Linguística, Marxismo e Psicanálise, ela assegura que – dada uma conjuntura teórica que a Análise do discurso que praticamos conquistou em desenvolvimento – nos coloca no entremeio entre uma Semântica discursiva em que entra não só a língua ou as línguas, mas também as configurações discursivas ou próprias aos diferentes campos do real, no entremeio entre a língua como real específico formando o espaço do contraditório do desdobramento das discursividades e unidades de análise de diferentes materialidades significantes, na posição entre estar, no meio dos sentidos ou na unicidade/objetividade obrigada da informação, entre o que a psicanálise pode oferecer á análise do discurso e aquilo que a análise do discurso pode oferecer, arguindo o campo da psicanálise (como o da linguística) particularmente o que já se produziu sobre a relação língua/sujeito/história e a resignificação dessas noções quando tomadas no entremeio, pois não é mais a língua do linguista, não é o sujeito da psicologia, nem o da psicanálise, não é a história do historiador. E assim por diante. Entremeio, significa, sobretudo, não pensar as relações hierarquizadas ou instrumentalizadas, ou aplicações.

Invista-se da transversalidade de disciplinas, pensadas como, segundo (PÊCHEUX, (1969), empréstimos que se usam como metáforas, o nosso contexto científico (ORLANDI, 2016, p.11).

E é assim que, no entremeio das disciplinas, acima elencadas, segundo Gregolin (2003, p.7), Pêcheux constituiu um novo objeto – o discurso – que não é o dado empírico, que é diferente de texto, que coloca o linguístico em articulação com a História. Assim desde a sua fundação, na análise do discurso derivada de Pêcheux, o discurso é entendido como um conceito que não se confunde com o discurso empírico de um sujeito (parole saussuriana), nem com o texto (o discurso está na manifestação de seus encaixamentos, sendo um processo, é preciso desconstruir a discursividade para enxergá-lo), nem com a função comunicacional (contra a vulgata da comunicação jakobsoniana que pensa o emissor e o receptor como sujeitos empíricos).

2.2. Ideologia e sujeito

A evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia (ORLANDI, 2015. p. 44). A ideologia é a condição para a constituição do sujeito. O sujeito é interpelado pela ideologia para a produção do dizer (ORLANDI, 2016, p. 153).

Segundo a autora (2016, p.153), o discurso é o lugar em que podemos observar a articulação entre a língua e a ideologia. Discursivamente consideramos que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua.

Por isto ao observarmos como a língua produz sentidos temos acesso ao modo como a ideologia está presente na constituição dos sujeitos e dos sentidos.

Para Orlandi (2015, p. 45), o sentido é assim uma relação determinado do sujeito afetado pela língua com a história. É o gesto de interpelação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a herança da subjetivação, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade, não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pêcheux diz que a ideologia e o inconsciente são estruturas funcionamentos, e sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um

tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas”, não como que afetam o sujeito, mais, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito” (PECHEUX, 2009, p. 147). Desta forma a ideologia é parte fundamental no processo da constituição do sujeito e dos sentidos. Não existe a possibilidade de haver sentido sem ideologia.

A identificação do indivíduo com determinada formação discursiva o faz posicionar-se de forma inconsciente, adotando as ideologias pré-determinadas por outros discursos. Através da cadeia de significantes, se coloca a questão do simbólico de modo a abrir caminho para o que falha, o que falta, o que falta, ou dito de outra forma, pelo atravessamento do inconsciente e das ideologias.

3. *Corpus da pesquisa*

3.1. *Os sentidos nos constructos do discurso patriarcal*

A compreensão das desigualdades e hierarquia de poder, entre homens e mulheres, abarcam as filiações ao discurso machista e a constituição dos seus sentidos, elementos determinantes para construção dessa relação histórica. Os sentidos e os discursos que dão origem, alimentam e propagam a relação de gênero estão abrigados em nossa memória, compreendida em Análise do Discurso, como o interdiscurso (aquilo que fala antes, em outro lugar e independentemente), pois segundo Pêcheux (1990, p. 56), o discurso não é independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele se irrompe, mas, só por sua existência, ele marca a possibilidade de desestruturação, reestruturação dessas redes e trajetos. É um efeito das filiações sócio-históricas, de identificação no seu espaço.

Portanto, se a questão de gênero é central, permeando a violência praticada contra a mulher, o feminicídio tem que ser refletido à luz da história e dos discursos circundantes que motivam o seu acontecimento. A partir dessa perspectiva, a memória discursiva seria como que, face a um texto que surge como um acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos, (quer dizer mais tecnicamente, os pré-construídos, discursos transversos, elementos citados e relatados, etc.) de que sua leitura necessita. A condição do legível ao próprio legível. (ORLANDI, 2016, p. 63)

A condição da compreensão (o legível) da prática da violência (ao próprio legível), de uma “lógica” dominação masculina, uma “devida” subordinação feminina, é resultante de discursos, pilares de uma ideologia, que, a partir de características biológicas, diferenciaram os grupos humanos, em homens e mulheres, estabelecendo um padrão cultural, que foi aprendido ao longo das gerações.

Esse padrão cultural, apesar da linha bastante tênue que os separa, atribui discursivamente um sentido único para as palavras sexo e gênero, evidenciando nesse mecanismo a não transparência das palavras. Por conta de tal mecanismo, nas relações de “sentidos evidentes” (como que ele já estivesse ali significando acertadamente os objetos e as coisas), ser homem, ser mulher, leva respectivamente ao masculino e ao feminino. Ou seja, posições distintas, diferentes espaços autorizados a ocupar, como pode ser observado nos enunciados abaixo:

(08) “Para construir seu ninho, **seu amor lhe enganava**”
(João de Barro, Teddy Vieira, 1956)

(30) “Pensando em ser tão feliz
Mas a Teresa, doutor
Felicidade não quis”
(Cabocla Teresa, João Pacífico & Raul Torres, 1937)

A partir dos enunciados (08 e 30) é possível perceber a constituição dos discursos (suas relações, suas filiações históricas), que “justificam” uma ascendência do masculino ao feminino, impondo e exigindo do segundo, a total submissão por conta de uma ideologia de gênero. Assim, nos deteremos a analisar as condições de produção que culminaram criando/reproduzindo/reafirmando os discursos sobre as diferenças entre ser homem e ser mulher, dentro da nossa sociedade, ou seja, a filiação dos enunciados (08 e 30), ao patriarcado, pois como lembra Rodrigues (2010),

Os discursos ao se constituírem, trazem além de suas características específicas (seus sentidos, seus efeitos, suas relações, suas filiações históricas) as suas temáticas, a partir da forma de articulação e de funcionamento de conjunto de objetos inscritos em seu interior. (RODRIGUES, 2010, p. 54)

Portanto, a nossa análise busca superar a ilusão de transparência das palavras, vencer a opacidade das palavras, cujas acepções masculino-feminino, dizem respeito à categoria biológica; e homem-mulher à categoria cultural. São os estudos e conhecimentos biológicos que definiram o masculino e o feminino como identidades sexuais, contudo as características dessa definição têm permanecido constantes no decorrer da

história.

Os papéis, socialmente engendrados e “justificados” historicamente, para o masculino e o feminino, resultaram na distinção entre o ser homem e o ser mulher dentro da sociedade. Assim, o ser homem dentro da sociedade implica para o homem, candidato a tal posto, sustentar casa, mulher e filhos. Na relação com a música “João de Barro”, ser homem é ser capaz de construir um ninho.

Para Orlandi (2015, p. 38), na análise do discurso, há noções que encampam não dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva. Consideramos que há sempre no dizer um não dizer necessário. Quando se diz “x”, o não dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”.

Para construir seu ninho, implica que o homem, assim como o pássaro, sai para trabalhar para a construção de seus lares. O trabalho do João de Barro, para a construção do ninho, o leva a um interminável vai e vem com o barro “massado”, para fazer sua casinha “lá no alto da paineira”. Já na labuta do homem, seja na fábrica, na indústria, na lavoura, no banco, em trabalhos intelectuais ou braçais, ele precisa se esforçar, se dedicar, empreender força de trabalho para a construção e manutenção da sua morada. Temos no enunciado “para construir seu ninho”, o discurso do homem dedicado, perseverante, trabalhador e com disposição para vencer o cansaço e construir um lugar especial para a mulher e os filhos. No exposto acima temos uma imagem: homem, dedicação, esforço, trabalho, ações que se voltam para a construção do lar, bem-estar da mulher e filhos.

O homem que trabalha e cuida da mulher e dos filhos é um dos constructos em funcionamento nas Formações Imaginárias do patriarcado. A concepção de Formação Imaginária, aqui aventada, está de acordo com o explicitado por Orlandi (2015, p. 38), que apregoa que não são os sujeitos físicos, nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. Cabe acrescentar que a Formação Imaginária é constitutiva do funcionamento do discurso. Na ideologia patriarcal a posição sujeito homem é o mantenedor, sendo o responsável pelo abastecimento, disciplina e funcionamento do lar.

A posição-sujeito mulher deve passar, lavar, cozinhar, cuidar dos filhos, das lides domésticas. Tais obrigações fazem parte da formação

discursiva do patriarcado. Entendemos aqui que a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada, em uma conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2015, p. 40). Para Pêcheux (1975, p. 162), “toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui – sua dependência com relação ao todo complexo com dominante das formações discursivas, intrincadas no complexo das formações ideológicas”. Em tais Formações Ideológicas, a posição mulher se ocupa com a reprodução e cuidados com o lar. O lar é o local de convivência da família, onde o casal deve viver em harmonia e educar os filhos, frutos dessa relação.

Cabe ainda, no enunciado (08) assinalar a presença metafórica da palavra “ninho”. A palavra “ninho” é essencialmente uma metáfora, ela é da ordem do simbólico – é lugar de interpretação, da ideologia e da historicidade (ORLANDI, 2015, p. 43). Enquanto lugar da historicidade, a sua utilização nos remete à primeira metade do século XIX, ao período romântico. Destacamos o uso da palavra ninho, enquanto uma forma criativa de apelar à imaginação, à sensibilidade, uma versificação livre e subjetiva do amor e da mulher. Nesse sentido, o seu uso, pelas evidências e características acima descritas, tem sua origem no Período Romântico.

Sendo também a construção do ninho o local da ideologia, em o homem constrói o ninho. Tarefa reservada ao homem, tipicamente masculina, o homem é quem compra, aluga, edifica o ninho, para receber, morar, viver com sua companheira. Construir o ninho se equivale a providenciar o lar, missão que cabe ao homem executar. É preciso pensar ainda no local da interpretação, onde o ninho é significado como uma prova de amor e para o amor. Um ninho é um lugar onde a vida dá seguimento ao seu curso, berço da família e da sociedade. Um ninho é pensado, construído para uma companheira. É uma alcova de amor. Um local cercado de cuidados para não ser exposto às intempéries. É no ninho que, como uma extensão e testemunho de um amor vivido a dois, os filhos são gerados, criados, educados. Lugar para se viver a vida, onde se tem a cumplicidade e a exclusividade dos desejos. Lugar de paz indescritível, que nos faz sentir saudades e quando estamos passando por momentos difíceis em nossas vidas, tendemos a querer voltar ao ninho, um ninho construído para viver uma feliz história de amor a dois.

Porém, no enunciado (08) da música, a mulher não quis a felicidade. A felicidade é aqui colocada como o amor e a segurança de um homem dedicado, trabalhador, honesto e que fez, com muito esforço, um

ninho de amor para os dois. A felicidade é ser senhora, dona de um lar, um marido honesto e trabalhador e filhos queridos. A felicidade é ter um homem para sustenta a ela e aos seus filhos. Há uma recusa da mulher, que não quis mais participar desta felicidade. A mulher que havia aceitado os termos do discurso e havia ocupado a posição sujeito mulher do discurso patriarcal, decide não mais viver essa posição na relação com esse sujeito homem, em uma situação de companheirismo ou marital.

A felicidade é entendida como esse mundo que ela compartilhava e que não quis mais. O não querer mais essa felicidade, não se realiza com uma conversa franca entre os amantes, sobre as dificuldades e interesses de uma vida vivida e sonhada a dois. O não querer mais a felicidade se dá de forma vil e reprovável. O não querer mais a felicidade é se voltar para outro, dormir com outro, no dizer de Ferreira (1999, p. 758) (...) 6. Praticar adultério; trair, (...), conforme o final do enunciado (08).

Assim, temos uma oposição em que, a mulher que trai, ou traiu, não tem compromisso com o amor que o homem lhe devota/devotou, é uma pessoa que não se importa com o sentimento que o outro lhe oferta, logo, quem não se importa com o sofrimento e o amor de outro alguém é uma pessoa fria, insensível, uma pessoa má, uma mulher sem coração. Por outro lado, o homem que foi enganado é o homem dedicado, perseverante, trabalhador, honesto, o construtor do ninho de amor e mantenedor do lar. O homem que foi traído enquanto saía para trabalhar, que carrega a conotação de ser algo sagrado, é um bom homem é um homem trabalhador e que cuida do seu lar. Foi enganado enquanto ia para o trabalho em busca do salário para a manutenção do lar.

Enquanto mecanismo de funcionamento dos sentidos, nos enunciados (08) e (30), temos um alguém bom, trabalhador, dedicado, perseverante e honesto em oposição a um alguém falso, adúltero e leviano. Temos o certo contrapondo o errado. Um bem contra o mal. Temos um alguém que “a felicidade não quis”, abandonando uma posição sujeito mulher, até certo ponto referendada e apoiada pela maioria da sociedade. Um discurso socialmente construído sobre posições, que fabricam sonhos de ninhos de amor, sacralidade na reprodução e tarefas domésticas. Um homem que sustenta um lar e uma mulher que se encarrega da casa e dos filhos, uma ideologia patriarcal perfeita.

Diante de tal quadro, é importante destacar que “a felicidade ela não quis”, poderíamos acrescentar “não quis mais”, está afeito aos movimentos em que os sujeitos e os sentidos fazem seus percursos. Nessa

relação, podemos considerar o real da língua que é sujeito à falha e o real da história que é passível de rupturas, o que propicia transformações. Possibilitando a movimentação dos sujeitos e dos sentidos. A língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito ao significar, se significa (ORLANDI, 2015, p. 43).

A felicidade que ela não quis corrobora o equívoco e a falha da língua na constituição dos sujeitos. O discurso milenar, que constrói/construiu a posição sujeito mulher, não foi eficiente o bastante para manter “Teresa” nessa posição, conforme o enunciado (08). Essa felicidade parece não ter seduzido completamente Teresa. Essa felicidade ela não quis, o discurso pronto e acabado, receitado para a felicidade das mulheres, marido, filhos e um ninho de amor.

Considerando o que diz Orlandi (2015, p. 35), é possível atribuir tal “rebelião” à incompletude da linguagem. De acordo com a autora a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos, nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. É importante ressaltar que os movimentos dos sujeitos e dos sentidos, as alternâncias de desejos, as alternâncias de posições, quando o real propicia o equívoco, se abismam na falha, não são bem vistos pela sociedade do discurso.

O efeito de sentido dos enunciados que compõem a música “João de Barro” é o de que a mulher e o pássaro fêmea são adúlteros, ambas menosprezam a dedicação e o amor devotado a elas. O sucesso alcançado pela música se define como uma prática política, gesto de acusação realizado por sujeitos que, ao assumir a verossimilhança da estória ficcional, homem dedicado-pássaro-mulher-traição, traduz a dicotomia simplista de um homem que foi dedicado, amoroso, trabalhador e honesto numa relação com uma mulher adúltera e desonesta. Na prática política verificamos a inscrição de uma posição sujeito que não tem dúvidas quanto à canalhice e falta de caráter de mulheres que ultrajam o ninho duramente construído.

3.2. A relação entre discursos: tradicional x religioso

Analisaremos, nesse momento, o discurso tradicional e o discurso religioso presente nos enunciados, com o objetivo de melhor compreender os movimentos de sentidos dos sujeitos, a partir das similaridades e

diferenças adotadas frente ao adultério, por influência destes discursos. Os discursos (ORLANDI, 2015, p. 84), enquanto o efeito de sentido entre interlocutores, “o que interessa primordialmente ao analista são as propriedades internas ao processo discursivo: condições, remissões às formações discursivas, modo de funcionamento”.

Os enunciados que selecionamos para o desenvolvimento de nossa reflexão, em que analisaremos o modo de funcionamento desses discursos, são todos da mesma música “João de barro”, quem tem como autor/intérprete Teddy Vieira (1956):

(10) “João-de-barro viu perto sua esperança perdida
Cego de dor trancou a porta da morada deixando a sua amada presa pro resto da vida”

(11) “Só que eu fiz o contrário do que o João de barro fez
Nosso Senhor me deu força nessa hora
A ingrata eu pus pra fora
Onde anda eu não sei”

(43) “O João de barro pra ser feliz como eu certo dia resolveu arrumar uma companheira”

(44) “Que semelhança entre o nosso calvário”

Sobre a importância de se estudar o modo de funcionamento dos discursos, Orlandi (2015) diz que:

O que caracteriza o discurso antes de tudo, não é o seu tipo, é o seu modo de funcionamento. Os tipos resultam eles mesmos de funcionamentos cristalizados que adquiriram uma rubrica, uma etiqueta que resulta de fatores extraordinários, lógicos psicológicos, sociológicos, etc. (ORLANDI 2015, p. 84)

É necessário analisar a relação entre os sujeitos, a relação com os sentidos, a relação com o referente discursivo. Nessa direção, o enunciado (43) “O João de barro pra ser feliz como eu certo dia resolveu arrumar uma companheira” aponta uma convergência entre os sujeitos. A convergência se dá na busca do exemplo, tendo como sentido para ambos, a felicidade significada como lar e companheira. Num segundo momento o discurso da traição sofrida, por ambos. Num terceiro momento temos a oposição entre os discursos dos sujeitos, em que se cristaliza a presença de um discurso religioso em oposição ao discurso machista. Temos então que a relação entre sujeitos é marcada pela posição igualitária de homens em busca da felicidade e, posteriormente, sujeito religioso X sujeito machista.

A produção de sentido, em um dado discurso, decorre da ação de variados fatores, entre os quais, os processos parafrásticos e os processos polissêmicos. No processo parafrástico, temos um retorno ao mesmo espaço do dizer, e o sentido já se encontra ali, nesse dizer, engendrado pela história, pois, segundo Gregolin (2003, p. 42), é “apenas em uma relação parafrástica empiricamente constatada que um efeito de sentido se dá”. A autora afirma, ainda, que em todo dizer há um dizível que diz respeito à memória, por isso “as formulações não nascem de um sujeito que apenas segue as regras da língua, mas do interdiscurso, vale dizer, as formulações estão sempre relacionadas com outras formulações”.

Já os processos polissêmicos estão relacionados ao deslocamento, as rupturas nos processos de significação. A polissemia é marcada pela possibilidade de algo que escapa no dizer, de um jogo onde o equívoco pode dar as cartas no discurso. E é a partir do parafrástico e do polissêmico que se dá a construção do sentido.

Os sentidos dos sujeitos são semelhantes, num primeiro momento onde o lar e a companheira significam um sonho realizado; depois os sentidos decorrentes da dor da traição ainda se aparentam similares aos dois. No entanto, há uma diferenciação e movimentação dos sentidos na resposta ao acontecimento do adultério. A relação com o referente discursivo, no enunciado (44) “Que semelhança entre o nosso calvário”, o adultério provoca o movimento dos sentidos e faz os sujeitos envolvidos assumirem posições.

O discurso do adultério funciona como um sentido histórico da traição em confronto com um discurso religioso. Um dos sujeitos vai assumir o discurso parafrástico, no enunciado (10) “João-de-barro viu de perto sua esperança perdida; Cego de dor trancou a porta da morada deixando a sua amada presa pro resto da vida”, indo ao encontro do sentido da traição e assumindo o discurso da punição com a morte da companheira, que o fez sofrer no calvário.

O outro discurso é afetado pela religiosidade. Tal qual o primeiro, há um sofrimento do indivíduo em razão da traição e também uma vontade de tirar a vida da companheira, como no enunciado (44) “Que semelhança entre o nosso calvário”. Porém, há um confronto e alternância dos sentidos, na arena da língua, uma luta entre o discurso parafrástico X discurso lúdico (categoria religioso), como no enunciado (10) “João-de-barro viu de perto sua esperança perdida. Cego de dor trancou a porta da morada deixando a sua amada **presa pro resto da vida**” (grifo nosso) X

o enunciado (11) “Só que eu fiz o contrário do que o João de barro fez; **Nosso Senhor me deu força** nessa hora (grifo nosso); A ingrata eu pus pra fora; Onde anda eu não sei” (João de Barro, Teddy Vieira, 1956). Nesses enunciados, que primam pela supremacia dos sentidos, cujo resultado irá definir qual posição o sujeito assumirá. O continuum infinito de discursos, de posições masculinas, que apregoam nas vozes sem nome que a honra deve ser lavada com sangue.

O continuum de discursos religiosos, onde o Senhor é o caminho, a verdade e a vida e impôs aos homens novos mandamentos, dentre os quais se destaca, “Não matarás”! O religioso que determina que o homem deve aceitar o seu sofrimento na terra e que o reino dos céus será garantido, em razão de sua fé, cumprimentos dos desígnios e vontades de um Deus Pai, Senhor de Tudo! O discurso lúdico religioso: (11) “Só que eu **fiz o contrário** do que o João de barro fez (grifo nosso); Nosso Senhor me deu força nessa hora; A ingrata eu pus pra fora; Onde anda eu não sei” (João de Barro, Teddy Vieira, 1956), se sobrepõe ao discurso parafrástico histórico machista: (10) “João-de-barro viu perto sua esperança perdida; Cego de dor trancou a porta da morada deixando a sua amada presa pro resto da vida”.

3.3. Do João-de-barro ao homem: filiações de sentido

O texto apresenta o pássaro que inveja a felicidade do homem, (43) “O João de barro pra ser feliz como eu certo dia resolveu arrumar uma companheira”, e resolve, também, arrumar uma companheira. O pássaro está num nível supra-animal, ou seja, situa-se no mesmo plano do sujeito da música, tendo como exemplo a felicidade humana. O pássaro constrói seu ninho tal qual o homem havia construído um lar para si. O homem e o pássaro têm suas casas, companheiras e felicidades. Após esse momento eles passam da felicidade para a não felicidade, por conta da traição de suas companheiras, em que de acordo com o enunciado (09) “Mas nesse mundo o malfeito é descoberto”, os dois passam a sofrer em razão do adultério que foi descoberto e que causa o mesmo sofrimento a ambos (pássaro e homem), conforme o enunciado (44) “Que semelhança entre o nosso calvário”.

A partir de então, dois caminhos são apresentados: o da morte dentro do lar X o da expulsão de dentro do lar, como em: (10) “João-de-barro viu de perto sua esperança perdida; Cego de dor trancou a porta da morada **deixando a sua amada presa pro resto da vida**” (grifo nosso)

X (11) “Só que eu **fiz o contrário do que o João de barro fez**; Nosso Senhor me deu força nessa hora; **A ingrata eu pus pra fora**(grifo nosso); Onde anda eu não sei” (João de Barro, Teddy Vieira, 1956).

Em relação à possibilidade da morte, tendo sido o pássaro colocado no nível supra-animal, a sua reação à traição é também uma atitude humana. O pássaro não tolera a traição e mata a companheira. A reação do pássaro está ligada à filiação de sentidos do discurso do patriarcado, que, conforme Orlandi (2015, p. 105), “o interdiscurso significa justamente como uma relação de uma multiplicidade de discursos que sustentam a possibilidade mesma do significar, sua memória”. Logo, o pássaro que tranca a porta da morada com sua companheira dentro, na rede de sentidos do discurso, rede de memórias, numa filiação do sujeito traído pela mulher, não aceita e a mata dentro do lar. Na execução do possível, o João-de-barro só pode trancar a sua amada dentro da casa, estando a mesma já morta, pois se viva estivesse, fugiria enquanto ele buscasse o barro para fechar porta da morada.

O João-de-barro nos desvios e interseções dos sentidos, no movimento dos sentidos e errâncias dos sujeitos, significa o acontecimento registrado na memória dos incontáveis homens que, traídos por suas companheiras, “como forma de punição ao adultério” as mataram dentro dos lares. Pois, pelos discursos sustentadores de posições machistas, constructos do patriarcado, a mulher que se deita com outro homem, merece a morte.

4. Conclusão

O estudo dos recortes selecionados e analisados sob a práxis da AD, aqui desenvolvido, não tem a pretensão de abarcar toda a complexidade e vastidão do tema do feminicídio na sociedade. O trabalho serve como uma reflexão sobre o discurso e uma determinada ideologia, na análise em questão, a ideologia do patriarcado e o *modus operandis* de construção de sentidos dessa ideologia em discursos musicais, onde trabalhamos recortes musicais das canções João de Barro e Cabocla Teresa para fundamentar nossa análise.

Para tanto, abordamos o discurso e sua construção de sentidos, no material analisado, para demonstrar que a violência que o homem é capaz de promover contra mulher em razão de gênero tem no discurso musical a sua “justificativa” para tal comportamento e, ainda que, ao “justificar”,

serve como “ensinamento” a outros homens como agir e retaliar mortalmente a honra ultrajada, obedecendo ao ditames da ideologia patriarcal.

Por fim, destacamos que ao voltar nossa atenção para o discurso musical, evidenciou-se que o caráter recreativo e de entretenimento da música na sociedade promove um mascaramento da ideologia presente no mesmo, como que se, ao relatar a tristeza e a “perda da honra”, o sofrimento masculino causada pelo abandono e o mau caráter da mulher ou da fêmea, a violência do feminicídio é então “justificada” e passa a ser aceita e compreendida como única e mortal alternativa, o crime de morte perpetrado contra a esposa ou companheira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGARO, Roseli (Org.). *Comunicação e análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

_____. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*, 3. ed. Campinas: Pontes, 2016.

PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1988.

RODRIGUES, Marlon Leal (Org.). *Análise do discurso na graduação: teoria & prática*. Dourados: Nicanor Coelho, 2011.

ANEXOS

João de Barro
(Sérgio Reis)

O João de Barro, pra ser feliz como eu
Certo dia resolveu arranjar uma companheira
No vai-e-vem, com o barro da biquinha
Ele fez sua casinha lá no galho da paineira

Toda manhã, o pedreiro da floresta
Cantava fazendo festa, pra aquela quem tanto amava
Mas quando ele ia buscar o raminho
Pra construir seu ninho o seu amor lhe enganava

Mas neste mundo o mal feito é descoberto

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

João de Barro viu de perto sua esperança perdida
Cego de dor, trancou a porta da morada
Deixando lá a sua amada presa pro resto da vida

Que semelhança entre o nosso fadário
Só que eu fiz o contrario do que o João de Barro fez
Nosso senhor me deu força nessa hora
A ingrata eu pus pra fora, por onde anda eu não sei
(<https://www.lettras.mus.br/sergio-reis/103199/>)

Cabocla Tereza
(Tonico e Tinoco)

Lá no alto da montanha
Numa casinha estranha
Toda feita de sapê
Parei numa noite a cavalo
Pra mór de dois estalos
Que ouvi lá dentro bate
Apeei com muito jeito
Ouvi um gemido perfeito
Uma voz cheia de dor:

“Vancê, Tereza, descansa
Jurei de fazer a vingança
Pra morte do meu amor”
Pela réstia da janela
Por uma luzinha amarela
De um lampião quase apagando
Vi uma cabocla no chão
E um cabra tinha na mão

Uma arma alumiano
Virei meu cavalo a galope
Risquei de espora e chicote
Sangrei a anca do tar
Desci a montanha abaixo
Galopando meu macho
O seu doutô fui chamar
Vortamo lá pra montanha
Naquela casinha estranha

Eu e mais seu douto
Topemo o cabra assustado
Que chamou nósprum lado
E a sua história contou”

Há tempo eu fiz um ranchinho
Pra minha cabocla morá
Pois era ali nosso ninho
Bem longe deste lugar.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No arto lá da montanha
Perto da luz do luar
Vivi um ano feliz
Sem nunca isso esperá

E muito tempo passou
Pensando em ser tão feliz
Mas a Tereza, doutor,
Felicidade não quis.

O meu sonho nesse oíá
Paguei caro meu amor
Pra mór de outro caboclo
Meu rancho ela abandonou.

Senti meu sangue fervê
Jurei a Tereza matá
O meu alazão arriei
E ela eu vô percurá.

Agora já me vinguei
É esse o fim de um amor
Esta cabocla eu matei
É a minha historia dotor
(<https://www.lettras.mus.br/tonico-e-tinoco/89201/>)